

## Sete anos

### Seven years

Foi há sete anos, mais coisa menos coisa, que a SPMI resolveu fundar a sua própria revista. Tendo eu estado, desde a primeira hora, no centro desta iniciativa, os Corpos Gerentes da altura decidiram entregar-me a Direcção duma publicação que iria nascer a partir do nada. Devo dizer que aceitei com prazer este encargo por sentir que podia ser útil à Medicina Interna e por ter oportunidade de exercer uma actividade que me atraía e para a qual julgava ter alguma vocação.

Durante sete anos dediquei-me com persistência e com a indispensável paixão a esta tarefa. Foi emocionante ver nascer e crescer cada exemplar da revista a partir do material que nos chegava em bruto e que era trabalhado, aperfeiçoado e corrigido. Foi apaixonante imaginar e conceber os números que se iriam seguir, construídos com artigos em carteira e outros “encomendados” a colegas capazes de lhes transmitir um toque cultural. Foi sobretudo excitante aguardar a chegada da revista “ainda quente”, folheá-la com alguma sofreguidão para avaliar o seu aspecto geral e detectar as gralhas (as terríveis gralhas), algumas maiores do que a “légua da Póvoa”.

A publicação de livros e a produção de revistas acompanha-se sempre desta particularidade inultrapassável: depois da entrega dos textos na tipografia, já nada mais há a fazer a não ser desejar (como eu muitas vezes fiz) “que Deus lhes ponha a virtude”.

Senão, vejamos. Um pintor pode acrescentar uma pincelada ou corrigir um traço, mesmo depois da “vernissage”. Muitos compositores alteram notas, cortam compassos, acrescentam “codas” após a primeira audição pública das suas obras. Alguns realizadores cinematográficos têm refeito montagens e cortado sequências após a estreia dos seus filmes. E até alguns pais, descontentes com os filhos que não saíram como eles tinham imaginado, encaminham-nos para médicos que lhes alinham os dentes, lhes endireitam os olhos ou, graças à hormona de crescimento, lhes acrescentam mais uns centímetros para além daquilo que estava programado no código genético.

Com os textos enviados para a tipografia, não há apelo nem agravo: o que está impresso, está impresso. Até porque, as erratas, além de uma prática de mau gosto, só servem para pôr em destaque “gafes” que, de outra forma, passariam despercebidas.

Mas quero que fique bem claro que, para além do trabalho, das chatices e das incompreensões, todo o tempo que dediquei à revista “Medicina Interna” foi qualquer coisa de muito importante na minha vida. Tanto mais que, ao rever os números publicados, só sinto razão para ficar

satisfeito com a qualidade geral dos textos, a sobriedade do grafismo e o equilíbrio dos conteúdos.

O problema é que entretanto passaram sete anos e o algarismo sete tem o seu peso. Para os numerologistas, não é senão a adição que resulta do três, espiritual, com o quatro, material, o que significa criação. Mas alguns caçadores de curiosidades e alguns sábios atentos à cosmologia, à religião e à vida social, têm tropeçado no número sete em múltiplas circunstâncias e têm-lhe atribuído qualidades mágicas. Sete são por exemplo os dias da criação, os pecados mortais, as maravilhas do mundo, os planetas da astrologia clássica (Sol, Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno) e os dias da semana. A lista não terminaria aqui se lhe acrescentássemos outros exemplos mais corriqueiros, mas não menos expressivos como a Branca de Neve e os sete anões, a bota das sete léguas, o sétimo céu e o “7-up”...

E não esqueçamos que um dos mais populares poemas musicados por Zeca Afonso começa desta forma:

*Sete fadas me fadaram  
Sete irmãos m'arrenegaram  
Sete vacas me morreram  
Outras sete me mataram*  
e termina assim:  
*Sete estrelas me ocultaram  
Sete luas sete sóis  
Sete sonhos me negaram  
Aqui del-rei é demais*

Sem ter necessidade de gritar “aqui del-rei”, sinto que ultrapassar sete anos à frente da revista “Medicina Interna” seria demais. O trabalho fundamental está feito e é altura de outros, mais novos, o continuarem e o renovarem. Eu estarei disponível para assegurar uma fase de transição sem sobressaltos e continuarei a colaborar com os meus escritos, se a futura equipa os quiser aceitar. Não se trata pois de um “adeus” mas duma passagem de testemunho para outros que sejam capazes de imprimir à nossa revista, um novo brilho e uma nova dinâmica.

colocar assinatura

